

OS VERBOS FRASAIS MAIS FREQUENTES NA ESCRITA DE APRENDIZES: UM ESTUDO CONTRASTIVO

THE MOST COMMON PHRASAL VERBS IN LEARNERS' WRITING: A CONTRASTIVE ANALYSIS

Priscilla Tulipa da Costa¹
Universidade Federal de Minas Gerais
priscillatulipa@gmail.com

RESUMO: Este estudo tem como objetivo analisar o uso dos verbos frasais do inglês na escrita acadêmica de aprendizes brasileiros. Para tanto, dois *corpora* contendo ensaios escritos por estudantes universitários foram utilizados, sendo um para estudo (Br-ICLE) e outro para referência (LOCNESS). A metodologia, baseada na Linguística de *Corpus*, se compõe de exames quantitativos realizados com o suporte do *software* AntConc para o tratamento e a análise dos dados. Os resultados sugerem que, em relação a outros tipos de verbos multipalavras, os verbos frasais são pouco usados nos textos de aprendizes. Entretanto, nota-se também que algumas das estruturas verbo + partícula encontradas se tornaram características desse tipo de produção textual, o que indica que o seu uso é cada vez mais comum na escrita de caráter mais formal. Ademais, a investigação também apontou semelhanças e diferenças de uso entre os grupos examinados, e para a constatação de que nativos e não nativos utilizam verbos frasais iguais em proporções bem semelhantes, ainda que haja casos de uso em desacordo com os padrões da língua inglesa por parte dos alunos brasileiros.

PALAVRAS-CHAVE: verbos frasais; *corpus* de aprendizes; escrita acadêmica; linguística de *corpus*.

ABSTRACT: This study aims at analyzing the use of English phrasal verbs in the academic writing of Brazilian learners. Therefore, two corpora containing essays written by college students were used: one as the study *corpus* (Br-ICLE), and the other as the reference corpus (LOCNESS). The methodology, which is based on Corpus Linguistics, consists of quantitative exams performed with the AntConc software support for the treatment and analysis of the data. The results suggested that, considering the other types of multi-word verbs, phrasal verbs are less used by learners in their essays. However, it is also noted that some of the verb + particle structures found have become typical of this type of textual production, which indicates that its use is increasingly common in a more formal writing. In addition, the research also pointed out similarities and differences in the use of phrasal verbs in both groups examined, as well as the finding that natives and non-natives use equal combinations in very similar proportions, although Brazilian students sometimes use phrasal verbs in disagreement with the English language standards

KEYWORDS: phrasal verbs; learner corpus; academic writing; corpus linguistics.

1 Este trabalho é fruto da dissertação de mestrado de Costa (2017). A autora agradece ao CNPq pelo apoio financeiro.

1 Introdução

Os verbos frasais são combinações muito importantes na língua inglesa, sendo o domínio relacionado à proficiência no idioma. Entretanto, suas características sintáticas e semânticas (como a idiomaticidade) os tornam complexos e de difícil ensino/aprendizagem, especialmente para os brasileiros, que não têm em sua língua materna estruturas similares a essas. Apesar de serem mais utilizadas na língua falada informal, estudos prévios (BIBER et al., 1999; FLETCHER, 2005; MCCARTHY; O'DELL, 2004) mostram que os verbos frasais, assim como os demais verbos multipalavras, estão cada vez mais presentes também na língua escrita, inclusive na de caráter mais formal.

Partindo desses pressupostos, nos interessa, neste estudo, investigar o uso dos verbos frasais na escrita acadêmica de estudantes brasileiros, estabelecendo uma comparação com aprendizes nativos da língua inglesa². Apoiando-se na *Contrastive Interlanguage Analysis* (GRANGER, 1996), a pesquisa buscou na Linguística de *Corpus* a abordagem metodológica necessária para a análise. Dois *corpora* foram examinados, sendo um para estudo (Br-ICLE – Brazilian Subcorpus of the ICLE) e outro para controle (LOCNESS – Louvain Corpus of Native English Essays). Os dados foram tratados e analisados com o auxílio do *software* AntConc, uma ferramenta composta por um conjunto de recursos para visualização de textos, dados estatísticos e linhas de concordância. Após uma análise quantitativa, os verbos frasais encontrados no *corpus* de estudo foram comparados e contrastados com aqueles encontrados no *corpus* de nativos, a fim de possibilitar a determinação de frequências, preferências e padrões de uso, tais como sobreuso e subuso, produtividade das combinações, dentre outros.

Esse estudo busca contribuir para a descrição desse fenômeno linguístico, colaborando para uma melhor compreensão da interlíngua, a conscientização quanto a possíveis adequações e inadequações de uso por parte dos aprendizes e o fomento da reflexão sobre processos de aquisição e de uso dos verbos frasais.

2 Os verbos frasais da língua inglesa

Inserido no grupo dos verbos multipalavras (*multi-word verbs*)³, os verbos frasais são expressões formadas pela combinação de um verbo e de uma segunda palavra (um advérbio ou partícula adverbial) que contêm, geralmente, uma única unidade de sentido. Trata-se de um grupo de palavras altamente produtivas na língua inglesa (CELCE-

- 2 A análise aqui descrita resulta de uma perspectiva prioritariamente quantitativa. Apesar de discutir sobre as escolhas dos aprendizes e, muitas vezes, apontar questões relacionadas ao significado produzido para exemplificar a língua em uso, a análise qualitativa, especialmente a de ordem semântica, não constitui o objetivo principal desta pesquisa. Uma análise qualitativa pode ser conferida em Costa (2017).
- 3 Na língua inglesa, são chamados verbos multipalavras ou *multi-word verbs* as construções formadas pela combinação de um verbo lexical com uma partícula – que pode ser um advérbio, uma preposição ou ambas ao mesmo tempo – funcionando como uma única palavra. Na concepção de autores como Carter e McCarthy (2006), esse tipo de palavras pode ser classificado em três grupos: os verbos frasais ou *phrasal verbs* (ex. *get up*), os verbos preposicionados ou *prepositional verbs* (ex. *rely on*) e os verbos frasais preposicionados ou *phrasal-prepositional verbs* (ex. *look forward to*). Para fins desta pesquisa, apenas os verbos frasais foram tomados como objeto de estudo.

MURCIA; LARSEN-FREEMAN, 1999; DARWIN; GRAY, 1999; GARDNER; DAVIES, 2007) e, por essa razão, elas têm um papel bastante importante na aquisição de fluência e de naturalidade tanto na língua falada, quanto na escrita.

Na concepção de Downing (2015), os verbos frasais podem ser intransitivos ou transitivos. Quando intransitivos, eles não requerem objeto direto (ex. *He **wakes up** early*). Já quando transitivos, eles requerem objeto direto (ex. ***Take your shoes off***). Nesse caso, de acordo com a autora, quando o objeto é um substantivo, a partícula pode vir tanto antes como depois dele (ex. *“Please, **turn on** the light”* ou *“Please, **turn the light on**”*). Se o objeto for um pronome, contudo, a partícula deve obrigatoriamente ocupar posição posterior ao objeto (ex. *Please, **turn it on***). A razão para a movimentação dessa partícula está associada à atribuição de foco na distribuição da informação em uma sentença, ou seja, uma vez que os pronomes não são usados, na maioria das vezes, para introduzir novos elementos no discurso, eles não costumam ocupar a posição final da frase, que é uma posição de foco (HALLIDAY, 2004).

Greenbaum e Quirk (1990) e Downing e Locke (2006), assim como Downing (2015), também atribuem aos verbos frasais uma classificação que separa transitivos e intransitivos. Esses autores, porém, acrescentam à definição proposta por Downing (2015) que algumas combinações, como *break down*, *blow up* e *give in*, por exemplo, podem ser tanto transitivas quanto intransitivas, o que resulta, em alguns momentos, em diferenças no significado final da coligação (ex. transitivo => *They **broke down** the door to rescue the child*. Sentido = remover um obstáculo; intransitivo => *The car has **broken down***. Sentido = parar de funcionar).

O Quadro 1 exibe a classificação geral dos verbos frasais, conforme propostas adotadas para este trabalho:

Quadro 1: Classificação dos verbos frasais da língua inglesa.

	Verbo Lexical	Objeto direto	Partículas		Objeto direto
			Advérbio	Preposição	
Verbo frasal transitivo	<i>Called</i>	<i>him</i>	<i>up</i>	-	-
	<i>Switched</i>	-	<i>off</i>	-	<i>the light</i>
Verbo frasal intransitivo	<i>Check</i>	-	<i>in</i>	-	-

Fonte: Quadro adaptado de Greenbaum e Quirk (1990, p. 1181).

Como é possível verificar, a classificação exibida no Quadro 1 segue Downing (2015), Greenbaum e Quirk (1990) e Downing e Locke (2006), e considera como verbos frasais os verbos lexicais (transitivos ou intransitivos) seguidos de uma partícula adverbial e de objeto direto, que pode ser posicionado antes (no caso de pronomes) ou depois da partícula.

2.1 Estudos prévios sobre os verbos frasais e verbos multipalavras

Por constituírem uma parte muito importante da língua inglesa e serem elementos

essenciais para a aquisição de fluência no idioma, os verbos frasais são objetos de estudo de diversos pesquisadores que se motivam, entre outras coisas, pelas questões que envolvem o ensino e a aprendizagem desse grupo de verbos. A maior parte dos trabalhos desenvolvidos⁴ é internacional, como o de Liao e Fukuya (2004), que analisaram a questão da esQUIVA dos aprendizes chineses em relação ao uso de verbos frasais. Seu estudo indicou que, mais do que diferenças ou similaridades entre a primeira e a segunda língua, a questão da esQUIVA pode ser uma manifestação do desenvolvimento da interlíngua dos aprendizes.

Waibel (2007) pesquisou os verbos frasais usando *corpora* de aprendizes. Suas análises quantitativas e qualitativas foram baseadas em produções escritas de estudantes italianos e alemães e seus resultados contribuíram para o entendimento de aspectos gerais da linguagem de aprendizes de inglês em nível avançado. Também Kamarudin (2013) usou *corpora* para examinar a compreensão e o uso de verbos frasais por parte de aprendizes malásios do inglês. Sua pesquisa apontou, entre outras coisas, que os fatores interlinguísticos têm papel importante na aprendizagem dos alunos da Malásia e que as dificuldades dos não nativos na compreensão dos verbos frasais são agravadas pela inadequação e o provimento insuficiente de informações nos livros didáticos e dicionários.

No Brasil, Fadanelli (2012) realizou um estudo para determinar se os verbos frasais mais usados por aprendizes brasileiros em textos também eram os mais usados por aprendizes nativos e se os significados aplicados por cada grupo coincidiam entre si. Seus resultados sugeriram, entre outras coisas, que grande parte das combinações usadas pelos brasileiros não pertencia ao grupo das mais usadas pelos falantes nativos. Já Costa e Azevedo (2016), fizeram uma análise quantitativa para mapear o uso dos verbos multipalavras nos ensaios escritos em inglês por estudantes brasileiros. A pesquisa comparou os textos de nativos e não nativos e seus resultados mostraram que, comparados com os nativos, os brasileiros produzem uma quantidade bastante significativa de verbos multipalavras na escrita acadêmica. Contudo, o estudo também revelou que o uso das estruturas, principalmente entre os não nativos, nem sempre corresponde ao que é proposto pelos padrões da língua inglesa, o que indica que os aprendizes produzem sentenças em desacordo com o que se é esperado de um falante nativo.

3 Questões de pesquisa

Esse estudo propõe responder às seguintes questões:

- Quais são os *phrasal verbs* mais frequentes em ambos os *corpora*?
- No emprego de *phrasal verbs*, quais são as similaridades e as diferenças percebidas na escrita de nativos e de aprendizes brasileiros?

4 Os trabalhos citados neste tópico tratam dos verbos frasais, conforme os próprios autores descrevem em seus trabalhos. Entretanto, conforme aponta Costa (2017), a nomenclatura entre os gramáticos é variável, e muitos chamam de verbos frasais o que nesta investigação chamamos de verbo multipalavras. Portanto, cabe destacar que em algumas das pesquisas citadas, além da construção verbo lexical + advérbio, são analisadas também as construções de verbo + preposição e verbo + advérbio + preposição, como é o caso do trabalho de Waibel (2007).

- Quais são as tendências e/ou preferências de uso dos aprendizes em relação aos nativos? Há evidências que apontem que os aprendizes brasileiros preferem verbos latinizados e/ou evitem o uso de *phrasal verbs*?

4 Metodologia

4.1 Dados

Como já mencionado, a análise linguística proposta nesta pesquisa fundamenta-se na Linguística de *Corpus* e dois *corpora* foram examinados: um de aprendizes para estudo (Br-ICLE) e um de nativos, para referência (LOCNESS). Os dois *corpora* contêm coleções de textos argumentativos escritos em inglês por estudantes universitários.

O Br-ICLE é um *subcorpus* do *International Corpus of Learner English* (ICLE) e foi compilado pela equipe do professor e pesquisador Antônio Berber Sardinha (PUC-SP). A coleção reúne ensaios acadêmicos produzidos por alunos de diferentes universidades brasileiras e discorrem sobre os mais diversos temas. A versão do Br-ICLE, usada nesta pesquisa, é composta por aproximadamente 160 mil palavras⁵.

O LOCNESS, usado como *corpus* de controle, foi compilado pela equipe da Dra. Sylviane Granger (Universidade Católica de Louvain, Bélgica) – que também esteve à frente do projeto ICLE. Ele é composto por ensaios acadêmicos produzidos por aprendizes americanos e britânicos, seguindo temáticas semelhantes às propostas no Br-ICLE. A coleção conta, atualmente, com 324.304 palavras⁶. A Tabela 1 mostra os dados dos *subcorpora* utilizados na investigação:

Tabela 1: Dados dos *subcorpora* utilizados.

Fonte	Número de Types/Vocábulos	Número de Tokens/Ocorrências
Br-ICLE	9.575	161.204
LOCNESS	16.186	326.093

Fonte: Elaborado pela autora.

4.2 Ferramentas utilizadas na pesquisa

O tratamento dos dados, bem como a análise, foram realizados, basicamente, com o suporte do AntConc, um *software* concordanciador criado pelo pesquisador britânico Laurence Anthony (Universidade de Waseda, Japão). A ferramenta permite examinar *corpora* por meio de funções, tais como: lista de palavras-chaves, linhas de concordâncias, listas de frequências, colocações, listas de palavras individuais e múltiplas, dentre outras. O *software* está disponível para *download* gratuito⁷ na internet.

5 Dados estatísticos retirados do site do Br-ICLE. Disponível em: <<http://www2.lael.pucsp.br/corpora/bricle/>>. Acesso em: 12 jul. 2016.

6 Dados estatísticos retiradas do site do LOCNESS. Disponível em: <<https://www.uclouvain.be/en-cecl-locness.html>>. Acesso em: 12 jul. 2016.

7 O programa AntConc está disponível para ser baixado gratuitamente no site de Laurence Antony, criador do programa. Disponível em: <<http://www.laurenceanthony.net/software/antconc/>>. Acesso em: 14 ago.

Atualmente, o programa é oferecido para as plataformas Windows, Linux e Macintosh. Apesar de estar na versão 3.5.0 (2017), o programa também pode ser adquirido em versões anteriores. Para esta pesquisa, foi utilizada a versão 3.4.4w, de 2014.

4.3 Procedimentos

Para a análise quantitativa, o procedimento metodológico considerou três etapas principais. Na primeira delas, foram extraídas dos *corpora* todas as combinações de verbo lexical + partícula adverbial propensas à formação de verbos frasais. A extração foi realizada a partir de uma lista de 27 partículas adverbiais (Quadro 2) proposta por Waibel (2007, p. 65), que considera uma combinação dos advérbios mencionados por Quirk et al. (1985) e Johansson e Hofland (1989).

Quadro 2: Lista de partículas adverbiais.

Aback	Ahead	Around	Back	Down	In	Out	Round	Through
About	Along	Aside	Behind	Forth	Off	Over	Under	Together
Across	Apart	Away	By	Forward	On	Past	Up	Without

Fonte: Elaborado pela autora com dados extraídos de Waibel (2007).

Na segunda etapa, foi realizada a limpeza dos dados obtidos, eliminando-se, dos resultados, as combinações de verbo e partícula que não se adequavam às definições de verbos frasais propostas para o estudo (ex. combinações de verbo + partícula funcionando como substantivo, como em *make-up* etc.); a extração definitiva e a validação dos verbos frasais, por meio do exame das linhas de concordância⁸.

Na terceira etapa, os dados foram transferidos para planilhas eletrônicas e cada verbo frasal encontrado foi individualmente analisado (com o auxílio da função de concordância do AntConc). Essa última etapa teve o objetivo de validar a seleção anterior, já que favoreceu a observação dos verbos frasais em seus contextos de uso. A partir desse procedimento, foi possível verificar se as combinações encontradas possuíam valor real de verbo frasal ou se configuravam-se como combinações livres⁹ entre verbos e advérbios.

2016. Apesar de ser um *software* gratuito, o AntConc não é aberto. Uma ferramenta de código livre alternativa ao AntConc é a linguagem R, amplamente utilizada pela comunidade acadêmica. O formato padrão do R, no entanto, exige conhecimento de programação. Para compensar, a comunidade mantém interfaces gráficas que podem ser usadas em diferentes sistemas operacionais. Mais informações em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/R_\(linguagem_de_programa%C3%A7%C3%A3o\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/R_(linguagem_de_programa%C3%A7%C3%A3o))>.

8 Esse processo foi realizado manualmente visando à redução de erros na classificação das palavras, já que o resultado proporcionado por etiquetadores nem sempre é fidedigno, especialmente quando se trata de verbos multipalavras.

9 “Em contraste com os *multi-word verbs*, as combinações livres consistem de um verbo lexical formado por uma única palavra seguido de um advérbio. Ou preposição com um significado distinto (por exemplo, *come down*, *go back*). Na prática, é difícil fazer uma distinção absoluta entre as combinações livres e os *multi-word verbs*. É melhor pensar em um contínuo no qual algumas utilizações de verbos são relativamente idiomáticas. [...] As palavras em combinação livre retêm seus próprios significados.” (BIBER; CONRAD; LEECH, 2002, p. 124-125, tradução nossa).

Em suma, os procedimentos metodológicos adotados foram: **1.** Observação das estatísticas gerais do *corpus* de estudo e relação da lista de palavras na ferramenta *Wordlist* do AntConc; **2.** Seleção das partículas adverbiais mais propensas à formação de verbos frasais; **3.** Obtenção e análise da lista de *Clusters* (usando como base as partículas selecionadas no passo anterior) para extração inicial dos verbos frasais; **4.** Extração dos verbos lexicais combinados com partículas no *corpus* de estudo; **5.** Extração dos verbos lexicais combinados com partículas no *corpus* de referência; **6.** Obtenção e exame das linhas de concordância para extração definitiva dos verbos frasais; **7.** Validação dos verbos frasais encontrados nos *corpora*; **8.** Comparação e análise dos verbos frasais nos *corpora*.

É importante ressaltar que, por serem os *corpora* de grandezas numéricas diferentes, foi necessário fazer o procedimento de normalização¹⁰ dos dados, a fim de que fosse estabelecida uma razão/proporção entre eles. A partir do procedimento obteve-se o valor de 2,02 palavras, que indica que, para cada palavra do *corpus* de estudo, há 2,02 palavras no *corpus* de referência. Todas as demais ocorrências apresentadas na pesquisa também foram normalizadas, considerando na normalização a proporção de 100.000 palavras.

Para que fosse possível verificar se os dados resultantes da comparação dos *corpora* eram estatisticamente significativos, em alguns procedimentos, aplicou-se também o teste estatístico *Log-likelihood* (LL)¹¹, que, segundo Rayson (2002), é um dos que apresenta melhor resultado na comparação de frequências de itens ou expressões entre dois *corpora*.

5 Resultados e discussão

5.1 Visão geral dos verbos frasais nos *corpora*

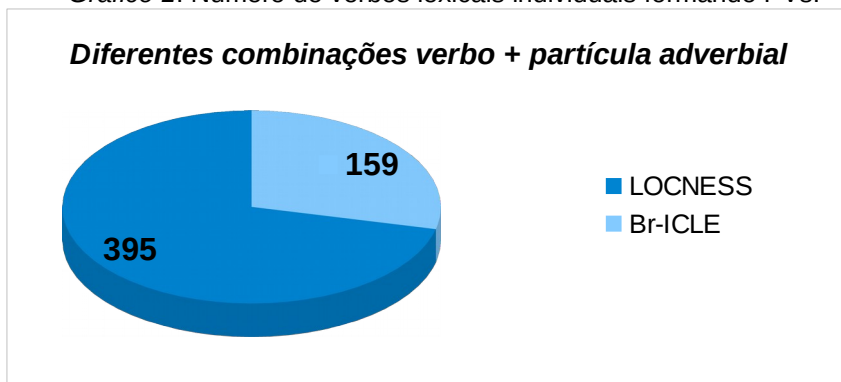
Ao todo, foram encontrados 159 tipos diferentes de verbos frasais (PVs) no *corpus* de estudo (CE), conforme mostra o Gráfico 1. Destes, muitos ocorreram mais de uma vez, gerando um total bruto de 463 PVs nos textos dos brasileiros. Também no *corpus* de referência (CR) foram encontradas ocorrências repetidas de PVs. Os 395 tipos identificados foram empregados pelos nativos em 1.288 combinações. Em valores normalizados (cf. Gráfico 2), isso significa que, para cada 100 mil palavras, há 287,21 verbos frasais no Br-ICLE e 394,98 no LOCNESS, ou seja, uma diferença de apenas 27% entre os grupos, sugerindo que, mesmo que os nativos empreguem mais PVs em seus textos, os não nativos também produzem um número notável deles nas composições

10 Cálculo da razão dos *corpora*: $326.093 / 161.204 = 2.022$. A fórmula usada no cálculo para normalização dos *corpora* foi regra de três: Frequência encontrada * 100000/Valor de *tokens* do *corpus* = x.

11 O teste *Log-likelihood* é uma regra estatística que indica a probabilidade de a diferença entre duas ocorrências ser aleatória ou não. O ponto de corte do teste é $LL > 3.84$ para um $p < 0.05$, um grau de 95% de confiança. Ou seja, resultados maiores que 3.84 apontam que há menos de 5% de chances de a diferença entre os dados comparados serem aleatórios, o que faz do resultado significativo. O teste foi realizado com a calculadora do UCREL (*University Centre for Computer Corpus Research on Language*), da Universidade de Lancaster. Disponível em: <<http://ucrel.lancs.ac.uk/llwizard.html>>. Acesso em: 12 ago. 2016.

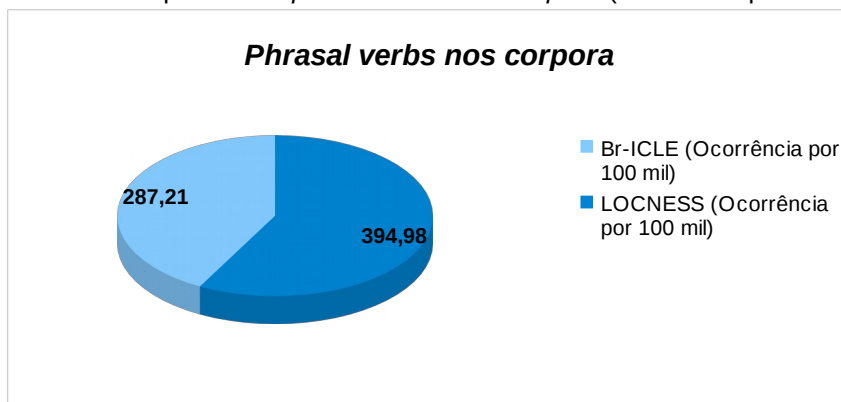
textuais de caráter mais formal.

Gráfico 1: Número de verbos lexicais individuais formando PVs.



Fonte: Elaborado pela autora.

Gráfico 2: Frequência de *phrasal verbs* nos *corpora* (ocorrência por 100 mil).



Fonte: Elaborado pela autora.

Por outro lado, a partir de uma perspectiva mais geral, os números de frequência dos PVs indicam baixa produtividade de verbos frasais nos ensaios acadêmicos, o que também foi apontado por Biber et al. (1999) e outros pesquisadores que avaliaram esse tipo de combinação no gênero argumentativo. Apesar disso, a amostra gerada na análise dos *corpora* é representativa para fins deste estudo.

5.2 Frequência e produtividade dos verbos frasais na escrita acadêmica

Haja vista que a quantidade de PVs encontrada foi muito grande (cf. COSTA, 2017 para lista completa), optamos por facilitar a visualização dos dados mostrando no Quadro 3 somente os 25 PVs mais frequentes no CE e no CR. As combinações sombreadas em cinza escuro são as dez de maior ocorrência no CE e a posição em que aparecem no CR.

Quadro 3: Os 25 verbos frasais mais frequentes nos corpora.

	Br-ICLE		LOCNESS	
	Verbo frasal	Frequência por 100 mil	Verbo frasal	Frequência por 100 mil
1	<i>end up</i>	14	<i>go on</i>	16
2	<i>give up</i>	14	<i>carry out</i>	15
3	<i>go on</i>	14	<i>point out</i>	13
4	<i>sum up</i>	12	<i>take away</i>	9
5	<i>point out</i>	9	<i>bring up</i>	9
6	<i>come back</i>	9	<i>bring about</i>	8
7	<i>grow up</i>	9	<i>take on</i>	8
8	<i>find out</i>	8	<i>end up</i>	8
9	<i>keep on</i>	8	<i>grow up</i>	8
10	<i>put forward</i>	8	<i>give up</i>	8
11	<i>take away</i>	6	<i>find out</i>	6
12	<i>call out</i>	6	<i>make up</i>	6
13	<i>go out</i>	6	<i>set up</i>	5
14	<i>go by</i>	6	<i>go back</i>	5
15	<i>turn on</i>	5	<i>break down</i>	4
16	<i>get together</i>	5	<i>cut off</i>	4
17	<i>leave behind</i>	5	<i>come about</i>	3
18	<i>come up</i>	4	<i>bring in</i>	3
19	<i>wake up</i>	4	<i>run up</i>	3
20	<i>put together</i>	3	<i>carry on</i>	3
21	<i>stand up</i>	3	<i>go out</i>	3
22	<i>get out</i>	2	<i>turn out</i>	3
23	<i>go back</i>	2	<i>bring back</i>	3
24	<i>turn off</i>	2	<i>fit in</i>	3
25	<i>go through</i>	2	<i>get out</i>	3

Fonte: Elaborado pela autora.

Como podemos observar no Quadro 3, *end up* é o verbo frasal mais frequente no corpus de estudo (14 ocorrências/100 mil palavras). Em todos os textos analisados, ele expressa valor de “se tornar ou terminar em uma situação ou lugar inesperado” (*Longman Dictionary of Contemporary English*, 2003), como mostram os exemplos abaixo:

- a) “More than often these people **end up** suffering or even dying in these foreign places because they have to live in very poor and violent areas.” (Br-ICLE).
- b) “On television, the bad guys always **end up** behind bars, children are never neglected by their parents, and no one is never left out.” (Br-ICLE).
- c) “I mean, if criminals **ended up** performing their crimes I believe that they were pushed into it in most cases and it usually has to do with lack of opportunities in life.” (Br-ICLE).

Nos contextos apresentados, o PV poderia ser substituído pelo verbo único¹² “*finish*” (sentido de “*come to an end*”) ou pelos verbos frasais “*finish up*” ou “*wind up*”. O verbo *finish* (considerando todas as variações: *finish*, *finishes*, *finishing* e *finished*), por sua vez, apresenta valor bruto de 24 ocorrências no CE, porém, seu uso está associado a “completar algo”, como em “*It needs years of work to finally achieve what it supposed to happen when the studies are **finished***” (Br-ICLE), e nunca com o mesmo sentido de *end up*. Isso sugere que os aprendizes não nativos utilizaram o PV conscientes de seu significado e que, nesse caso, houve preferência pelo uso do verbo multipalavra em detrimento do verbo individual.

Vê-se no Quadro 3 que *end up* está também entre os 25 mais frequentes no CR, porém, com menos ocorrências (47% a menos do que no CE). As concordâncias mostram que a combinação é usada por ambos os grupos com o mesmo sentido (exemplos “d” e “e”), reforçando a afirmação de que, para esse PV, há semelhança de uso entre nativos e não nativos.

d) “[...] *therefore their prejudice may not actually **end up** in discrimination against minorities.*” (LOCNESS).

e) “*Michael Watson **ended up** in a wheelchair, paralysed and with brain damage.*” (LOCNESS).

A segunda combinação mais frequente no Br-ICLE é *give up*. Com apenas uma ocorrência (bruta) a menos que *end up*, o verbo frasal também ocorre no CR, porém, com pouco mais da metade das frequências identificadas no CE. Ainda assim, em ambos os grupos ele é usado de forma similar, significando “abrir mão de algo” (f), “abandonar um hábito” (g) e “desistir” (h). Se comparado a “*abandon*”, ele é mais usado que a palavra latina em ambos os grupos (quatro ocorrências/100 mil palavras nos dois *corpora*). Aqui, novamente, o verbo multipalavra foi preferido em relação ao verbo único.

f) “*The green house effect is a major issue to most citizens but very few of them are prepared to **give up** their car to show it.*” (LOCNESS).

g) “*If a lot of people did **give up** beef products, this will have had effects on the agricultural industry.*” (LOCNESS).

h) “*According the academic standards it was a crap but she didn't **gave up**.*” (Br-ICLE).

Apesar de ser menos comum na prosa acadêmica do que na produção oral ou no gênero de ficção (BIBER et al., 1999), *go on* lidera as ocorrências no CR e é a terceira combinação mais frequente no CE. Nas linhas de concordância dos *corpora*, observou-se

12 Por “verbo único” entende-se aqui aquele formado por uma única palavra (*one-word verb*), em oposição a *multi-word verb* (verbo multipalavra), que é o caso dos *phrasal verbs*.

que seus significados são variados – como em: “*The main reason why they **go on** strike is because [...]*” (LOCNESS) *go on* = começar uma atividade; “[...] *the children from richer backgrounds could **go on** to secondary and higher education [...]*” (LOCNESS) *go on* = fazer algo logo após fazer outra coisa –, e o mais comum entre eles (que ocorre nos dois grupos) está associado à ação de dar continuidade a algo (Longman Dictionary of Contemporary English, 2003), como nos exemplos (i), (j) e (k), nos quais o PV poderia ser substituído pelo equivalente “*continue*” ou pelo verbo frasal “*carry on*”, que, aliás, não aparece no *corpus* de estudo, mas está na posição 20 do ranque do CR.

i) “*The real thing is the relationship that may **go on** with or without marriage, the real problem is the coexistence.*” (Br-ICLE).

j) “*Sartre was particularly against letting oneself be ruled by the past: what's done is done, life must **go on**.*” (LOCNESS).

k) “*In the first text and the movie, what made the characters keeping **going on** and not desist, was the desire of learning and improve [...].*” (Br-ICLE).

Outro significado atribuído a *go on*, que é compartilhado entre os *corpora*, é o de “acontecer”, cujo verbo equivalente é “*happen*”, e que, em ambos os grupos, aparece predominantemente em sua forma progressiva (*going on*), como mostram os exemplos (l) e (m):

l) “*It says that parents and teachers should pay attention on what is **going on** with TV programs, movies and publications that enthusiasm the young [...].*” (Br-ICLE).

m) “*There is wide debate **going on** about how much power the European Community should have.*” (LOCNESS).

As concordâncias (n) e (o) exibem o terceiro significado mais comum para *go on* nos *corpora*, que tem relação com “passar o tempo” e verbo equivalente “*pass*” (Longman Dictionary of Contemporary English, 2003):

(n) “*As time **goes on** vicissitudes of life make people forget commitments and promises made by their representatives once running for a leadership career.*” (Br-ICLE).

(o) “*As time **goes on** certain things fade away and other things become more important to us.*” (LOCNESS).

Finalmente, o quarto significado identificado para *go on* nos ensaios dos

aprendizes é “durar por um período de tempo” (*Longman Dictionary of Contemporary English*, 2003), que poderia ser trocado pelo correspondente “*last*”, como em:

(p) “*They still happen and they will probably go on for a long time.*” (Br-ICLE).

(q) “*This went on for about a year.*” (LOCNESS).

Essa discussão mostra que, além de muito usado também pelos aprendizes não nativos, *go on* é empregado com variedade de significados pelos dois grupos. No caso dos brasileiros, isso sugere que, inicialmente, há compreensão da distinção na função desse PV e que os não nativos são capazes de empregá-lo em pelo menos quatro contextos diferentes, tal qual os nativos. Ademais, a alta frequência de um verbo frasal tão coloquial como esse indica que os textos de ambos os grupos foram produzidos em estilo pouco formal. O Quadro 4 mostra o contraste com palavras equivalentes e sugere que os não nativos têm preferências pelo uso do verbo único para três dos significados encontrados, mas não para “*pass*” que, apesar da origem latina e da similaridade com o “passar” – tradução direta no português –, não foi priorizado pelos brasileiros, demonstrando que a influência da primeira língua não foi fator primordial na escolha. Da mesma forma, os nativos só preferem usar o verbo único quando o sentido de *go on* é o de duração (*last*).

Quadro 4: Comparação entre “*go on*” e seus verbos únicos equivalentes.

Verbos correspondentes para <i>go on</i>			
Verbo em inglês	Origem	Frequência CE (100 mil)	Frequência CR (100 mil)
<i>Go on</i>	Inglês antigo (ano 1777)	14	16
<i>Continue</i>	Latim (<i>cotinuare</i>)	36	57
<i>Happen</i>	Inglês médio tardio (<i>hap</i>)	112	47
<i>Last</i>	Inglês antigo (<i>lǣstan</i>)	24	8
<i>Pass</i>	Latim (<i>passare</i>)	7	34

Fonte: Elaborado pela autora. Dados etimológicos: Harper (2016).

Um destaque interessante na comparação de *go on* e verbos correlatos é a preferência dos aprendizes por “*happen*”. Tanto nativos quanto não nativos produzem mais essa alternativa do que o PV, sugerindo uma inclinação pelo uso da palavra mais formal em detrimento da mais coloquial. Além disso, é notória a diferença de 58% entre a produção dos dois grupos. O fato do CE produzir 65 ocorrências a mais que o CR pode ser atribuído, por exemplo, à falta de PVs similares como alternativas nos textos dos brasileiros, o que causa um aumento ou concentração no uso de determinada palavra. No CR, mais opções foram encontradas. Além de *happen* e *go on*, ocorre também uma frequência considerável de *come about* e suas variantes, que também podem ser usadas como palavras substitutas.

Como mostra o Quadro 4, *sum up*, o quarto em número de frequência no CE (12

vezes/100 mil palavras), chama a atenção por estar em subuso no CR. Ele ocorre em um padrão predominantemente precedido de preposição (*to* + infinitivo) e sua alta frequência pode ser explicada por dois fatores principais: a influência da língua nativa, provavelmente pela semelhança com “suma” no português (do latim, *summa*), e por ser um verbo muito usado na escrita acadêmica em razão de sua função retórica. Outra explicação possível pode ser o fato de esse PV compor parte de um enunciado e, considerando que aprendizes tendem a repetir parte dos enunciados em seus textos, isso ocasionaria a frequência elevada do verbo frasal. Já a baixa frequência no CR sugere que os nativos utilizem outros verbos e expressões para introduzirem uma conclusão.

A Tabela 2 mostra uma comparação entre *sum up* e expressões com funções similares.

Tabela 2: Comparação entre “*sum up*” e termos equivalentes.

Expressões	Freq. Br-ICLE (100 mil)	Freq. LOCNESS (100 mil)
<i>To sum up</i>	12,4	0,31
<i>Summarizing</i>	1,2	0,31
<i>In sum</i>	1,2	-
<i>Summing up</i>	-	0,61
<i>In summary</i>	1,2	-
<i>To summarize</i>	-	-
<i>To conclude</i>	12,4	3,37
<i>In conclusion</i>	17,9	5,83
<i>Concluding</i>	3,1	0,31

Fonte: Elaborado pela autora.

Na comparação, cujas células estão sombreadas, vê-se que a forma mais usada em ambos os *corpora* é “*in conclusion*”, sugerindo a preferência dos nativos e não nativos por um elemento latinizado. Mesmo CE, que apresenta alta frequência de *sum up*, mostra grande produção de “*in conclusion*”, com uma diferença de 31% entre o PV e o verbo único. A variante “*to conclude*” também tem frequência significativa no CE e é a segunda maior frequência no CR. Reunindo todas essas informações, podemos inferir que a opção pelo uso das formas de verbos únicos e latinizados manifesta a predileção pelos termos de caráter mais formal na escrita acadêmica, o que ocorre especialmente no grupo de aprendizes brasileiros. Contudo, não é possível depreender a partir desses dados se a escolha pelos termos menos coloquiais é realizada de forma consciente pelos aprendizes ou se, no caso dos brasileiros, o comportamento reflete a influência da língua materna. A diferença entre os valores do CE e do CR para essas alternativas pode indicar também que os brasileiros tendem a seguir uma estrutura bem marcada em seus textos, posicionando claramente a conclusão das ideias, o que não parece ocorrer no grupo dos nativos. Por outro lado, aqui também a língua nativa pode estar exercendo influência, já que a estrutura formal também é bastante marcada no português.

Outro verbo frasal muito empregado em textos acadêmicos (cf. BIBER et al., 1999, p. 410), e que também está na lista dos 25 mais frequentes do CE e do CR, é *point out*. Ranqueado entre os dez de maior ocorrência (nove vezes/100 mil palavras no Br-ICLE e

13 no LOCNESS), esse PV é utilizado por ambos os grupos com o significado de “indicar”, “mostrar” algo (*Longman Dictionary of Contemporary English*, 2003), como ilustram os exemplos (r) e (s). Sua frequência, relativamente alta nesse tipo de texto, está relacionada ao fato de ele ser considerado um verbo frasal mais formal (OPVD, s. 16-17), o que torna seu uso favorável para a escrita acadêmica.

(r) “*Statisticians, however, **point out** that persuasiveness of a statistic lies in its ability to be factually verified.*” (LOCNESS).

(s) “*However, it is important to **point out** the fact that having a university degree in Brazil does not give people the guarantee of a job [...].*” (Br-ICLE).

O verbo frasal *come back* é o sexto verbo frasal de maior ocorrência no CE (nove vezes/100 mil palavras). Ele é usado com valor de “voltar” ou “retornar” (*Longman Dictionary of Contemporary English*, 2003) e não ocorre entre os 25 mais comuns do LOCNESS. Nesse grupo, a alternativa empregada é *go back*, o 14º PV mais frequente no CR.

Grow up e *find out* também ocorrem em ambos os *corpora*. *Grow up* tem uso semelhante nos dois grupos e seus significados estão ligados à ação de se tornar adulto, como nos exemplos (t) e (u), ou de se desenvolver gradualmente (v, w). Sua alta frequência está relacionada, provavelmente, às temáticas propostas para os textos, como a adolescência, a censura na sociedade, os valores familiares, entre outros.

(t) “[...] *a generation which **grows up** without having listened to fairy tales, without having created their on games with their friends.*” (Br-ICLE).

(u) “*As children **grow up**, they learn morals from their religious community.*” (LOCNESS).

(v) “*In that time civilization was **growing up** and we have that process of industrialization, there is the technology, the inventions [...].*” (Br-ICLE).

(w) “*Candide also grows in this novel by learning of other people and cultures. He starts out **growing up** sheltered in the castle of Boron thunder-ten-trunckh, until he was booted from it after his romantic meeting with Cunegonde.*” (LOCNESS).

No que diz respeito ao significado atribuído, *find out* também é usado de maneira similar entre os dois grupos. Os padrões formados, entretanto, não são muito parecidos, já que, enquanto no grupo dos nativos o verbo frasal ocorre normalmente aliado a palavras típicas de perguntas (*how, what, who* etc.), à conjunção *if* ou a *that* (introduzindo oração subordinada), no grupo dos não nativos não há regularidade de uso, sendo o PV empregado ora seguido por pronomes pessoais, ora por substantivos ou por *that* etc. O

principal sentido atribuído pelos aprendizes em geral é o de “encontrar ou apreender uma informação”, como em (x) e (y).

(x) “*At this age, teenagers are trying to understand what's going on the world, they want to take point in it and they need socialize with other people their age, they want to **find out** where they belong to.*” (Br-ICLE).

(y) “*As more genes are `mapped' we **find out** more about the way our life is defined.*” (LOCNESS).

Keep on é outra combinação que surge entre as dez mais recorrentes no CE, mas que não ocorre entre as 25 mais frequentes do CR. O motivo, hipoteticamente, é que os aprendizes nativos utilizem outras combinações ou verbos únicos como alternativa a esse PV, o que pode ser reforçado pela ocorrência significativa de *continue* (cf. Quadro 4) e *carry on*, por exemplo. O PV *put forward*, apesar de não aparecer no quadro do CR, é 28º mais frequente entre os nativos. Em ambos os *corpora*, é utilizado com a função de “sugerir uma ideia” e sua frequência relativamente alta no CE (é o décimo de maior ocorrência) pode ser explicada pelo fato de ser considerado um verbo frasal mais formal e comumente empregado em ensaios e relatórios (OPVD, s. 16-17).

É interessante destacar a ausência de verbos frasais formados com *bring* e *carry* entre os 25 mais frequentes do *corpus* de estudo. Na comparação com o CR, vê-se que os dois verbos formam seis combinações diferentes dentre as mais frequentes produzidas por nativos, representando, juntos, 24% dos PVs da lista (cf. Quadro 3). Formações como *carry out*, *inclusive*, são consideradas menos coloquiais e mais comuns na escrita acadêmica (BIBER et al., 1999, p. 410), e o fato de não aparecerem formando PVs no CE sugere que os aprendizes brasileiros não têm muita familiaridade com esse verbo e com as possibilidades que apresenta na construção de verbos multipalavras.

Com base nos dez verbos mais frequentes no *corpus* de estudo, aplicamos o teste *Log-likelihood* para verificar a significância dos resultados e as condições de sobreuso e subuso dos PVs identificados. A Tabela 3 mostra o resultado.

Tabela 3: Sobreuso e subuso dos verbos frasais no Br-ICLE.

<i>Phrasal verb</i>	Br-ICLE Frequência bruta	Br-ICLE Frequência por 100 mil	LOCNESS Frequência bruta	LOCNESS Frequência por 100 mil	LL	Sobreuso/s ubuso
<i>end up</i>	23	14	26	8	4,03	+
<i>give up</i>	22	14	25	8	3,79	+
<i>go on</i>	22	14	53	16	0,49	-
<i>sum up</i>	20	12	1	0	37,01	+
<i>point out</i>	14	9	41	13	1,51	-
<i>come back</i>	14	9	7	2	9,86	+
<i>grow up</i>	14	9	26	8	0,07	+
<i>find out</i>	13	8	19	6	0,80	+
<i>keep on</i>	13	8	0	0	28,76	+
<i>put forward</i>	13	8	9	3	6,22	+

Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme revelam os dados, oito dos PVs classificados dentre os dez de maior ocorrência no CE apresentam sobreuso em relação ao grupo de nativos, dentre eles *sum up* e *keep on*, que são os que apresentam as maiores diferenças entre os *corpora*. Os valores de log acima de $LL < 3,84$ indicam que as diferenças encontradas não são aleatórias, mas sim linguisticamente significativas.

Finalmente, a análise quantitativa dos dados mostrou que os verbos frasais são, de maneira geral, pouco usados na escrita acadêmica, tanto de nativos quanto de não nativos. Os resultados de Costa (2012) apontaram para o uso significativo de verbos multipalavras nos *corpora*, o que, de fato, ficou atestado, porém, a verificação das linhas de concordância nos permitiu detectar que, dos três tipos de verbos multipalavras, os verbos frasais são os menos empregados nesse tipo de texto e os verbos preposicionados¹³ são os de maior ocorrência.

Os resultados também apontaram para semelhanças e diferenças no emprego das combinações verbo + partícula na escrita acadêmica de nativos e não nativos do inglês. A primeira semelhança está relacionada à frequência dos verbos frasais, que é similar em quantidade para ambos os grupos. Os verbos frasais de maior ocorrência no *corpus* de estudo do mesmo modo estão, em sua maioria, no *corpus* de referência, o que também demonstra similaridade entre os grupos. Outra similaridade é que, em algumas situações, verbos de uma palavra só ou construções com verbos latinizados foram priorizados para ambos os *corpora*, provavelmente em função do tipo de texto produzido e da formalidade das palavras. Isso sugere que, no caso de verbos frasais, não necessariamente os aprendizes brasileiros tenham predileção ou tendência por palavras de origem latina. Por outro lado, algumas ocorrências (como o caso dos verbos *carry* e *bring*) indicaram que pode haver uma tendência dos não nativos em evitar certos verbos frasais, apesar de ser necessário um estudo semântico mais aprofundado para descobrir o motivo desse evento. Em relação às diferenças no uso dos verbos frasais, vimos que são relativas, especialmente, ao significado que é atribuído a alguns PVs por parte dos não nativos, bem como à preferência do emprego de palavras de verbo único em detrimento de verbos multipalavras, como ocorreu com *happen* (em oposição a *go on*, que foi o escolhido pelos nativos).

6 Considerações finais

Analisou-se neste artigo o uso dos verbos frasais na escrita acadêmica de aprendizes brasileiros da língua inglesa. A pesquisa foi realizada por meio da análise de *corpora* e teve como objetivo principal descrever a frequência de uso e comparar o emprego de verbos frasais nos textos argumentativos de estudantes nativos e não nativos.

Os resultados da análise quantitativa mostraram que os verbos frasais do inglês são, de maneira geral, pouco empregados na escrita acadêmica; entretanto, dos mais

13 A afirmação de que os *prepositional verbs* são os que mais ocorrem nos *corpora* é baseada em minha observação das linhas de concordância. Entretanto, para que obtenhamos dados precisos e a comprovação efetiva desse achado, é necessário que seja feita uma investigação específica com o grupo dos verbos preposicionados.

frequentes, vários são considerados típicos de textos mais formais, como *sum up* e *point out*. Outro apontamento é que existem semelhanças e diferenças no emprego das combinações entre verbo + partícula adverbial nos textos produzidos por nativos e não nativos do inglês. As semelhanças estão relacionadas à frequência dos verbos frasais, especialmente no que diz respeito à quantidade de PVs empregados, à similaridade entre as ocorrências (os verbos frasais mais frequentes no *corpus* de estudo também estão presentes, em grande parte, no *corpus* de referência) e ao comportamento dos indivíduos no que concerne à utilização de verbos multipalavras e de verbos únicos. Não é possível afirmar que os aprendizes brasileiros apresentam inclinação ou predileção pelo uso de palavras de origem latina, já que, em determinados momentos, verificou-se que houve a preferência por elementos latinizados por parte dos dois grupos. Tal preferência, provavelmente, foi fomentada pela estrutura do tipo textual em questão e da formalidade que lhe é pertinente. Por outro lado, a alta frequência de alguns verbos frasais no *corpus* de referência e a ausência destes no *corpus* de estudo sinalizou que pode sim haver uma tendência dos não nativos para evitar certas construções. Entretanto, é necessário um estudo semântico mais aprofundado para se descobrirem as motivações do fenômeno. As diferenças percebidas entre os grupos, por sua vez, são relativas, especialmente, ao aspecto semântico e implicam o significado que é atribuído a alguns PVs por parte dos aprendizes brasileiros. Além disso, em alguns casos, os grupos diferem também na preferência do emprego de palavras de verbo único, que, em alguns momentos, são escolhidos em detrimento de verbos multipalavras.

Finalmente, é importante ressaltar que, apesar das limitações desta pesquisa, ela é significativa, pois revela comportamentos e padrões de uso de PVs na escrita acadêmica de aprendizes. Como proposta de pesquisas futuras, seria interessante verificar se os resultados aqui encontrados permaneceriam em estudos com *corpora* maiores e/ou inclusão de outros tipos de texto acadêmico, como resumos, artigos e outros. A investigação aqui descrita pretende ter contribuído não só para as pesquisas envolvendo os *phrasal verbs* e suas particularidades no que toca à escrita de não nativos, mas também para as pesquisas que envolvem processos de aquisição da língua inglesa.

Referências

- ANTHONY, L. *AntConc*. Disponível em: <<http://www.antlab.sci.waseda.ac.jp/software.html>>. Acesso em: 15 dez. 2016.
- BIBER, D; CONRAD, S; LEECH, G. E. *Longman Grammar of Spoken and Written English*. London: Longman, 2002.
- BIBER, D; JOHANSSON, S; LEECH, G; CONRAD, S; FINEGAN, E. *Longman Grammar of Spoken and Written English*. London: Longman, 1999.
- BRAZILIAN SUB-CORPUS OF THE INTERNATIONAL CORPUS OF ENGLISH (BR-ICLE). Disponível em: <<http://www2.lael.pucsp.br/corpora/bricle/>>. Acesso em: 24 jan. 2016

CARTER, R; MCCARTHY, M. *Cambridge Grammar of English. A Comprehensive Guide: Spoken and Written English Grammar and Usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

CELCE-MURCIA, M; LARSEN-FREEMAN, D. *The Grammar Book: An ESL/EFL Teacher's Course*. Boston, MA: Heinle and Heinle Publishing Company, 1999.

COSTA, P. T. *O uso dos multi-word verbs em textos acadêmicos de estudantes brasileiros do inglês: um estudo comparativo baseado em corpora*. 2012. 61 f. Monografia (Graduação em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

COSTA, P. T; AZEVEDO, A. M. T. Multi-word verbs na escrita acadêmica de aprendizes do inglês: um estudo baseado em corpus de estudantes brasileiros. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 20, n. 38, p. 215-244, 1º sem. 2016.

COSTA, P. T. *Os Phrasal Verbs na produção escrita de aprendizes brasileiros de inglês como segunda língua: uma análise baseada em corpus*. 2017. 121 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Belo Horizonte: Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2017. p. 103-112.

DARWIN, C. M.; GRAY, L. S. Going after the phrasal verb: An alternative approach to classification. *TESOL Quarterly*, Vol. 33, n. 1, p. 65-83, 1999.

DOWNING, A. *English grammar: a university course*. 3ed. Revised Edition. New York: Routledge, 2015.

DOWNING, A. LOCKE, P. *A university course in English grammar*. Revised Edition. London; New York: Routledge, 2006.

FADANELLI, S. B. A Corpus study on Brazilian learners' usage of English phrasal verbs. *Revista Estudos Anglo-Americanos*, n. 37, 2012. Disponível em: <<http://goo.gl/2xxTh8>>. Acesso em: 27 jan. 2016.

FLETCHER, B. Register and phrasal verbs. *MED Magazine*. The Monthly Webzine of McMillan English Dictionaries, v. 33, p. 45-54, 2005.

GARDNER, D.; DAVIES, M. Pointing out frequent phrasal verbs: A corpus-based analysis. *TESOL Quarterly*, v. 41, n. 2, p. 339-359, Jun. 2007.

GRANGER, S. From CA to CIA and back: An integrated approach to computerized bilingual corpora and learner corpora. In: AIJMER, K.; ALTENBERG, B.; JOHANSSON, M. *Languages in Contrast*. Lundi: Lundi University Press, 1996, p. 37-51.

GREENBAUM, S. QUIRK, R. *A Student's Grammar of the English Language*. Longman, 1990.

JOHANSSON, S.; HOFLAND, K. *Frequency analysis of English vocabulary and grammar: Based on the LOB corpus. Volume 1: Tag frequencies and word frequencies.* Oxford: Clarendon, 1989.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar.* Revised Edition. London: Hodder Arnold Publication, 2004.

KAMARUDIN, R. *A Study on the Use of Phrasal Verbs by Malaysian Learners of English.* 2013. 381 f. Thesis (Ph.D. in Philosophy) - University of Birmingham, Birmingham, 2013. Disponível em: <<http://goo.gl/iEyksN>>. Acesso em: 21 dez. 2015.

LIAO, Y.; FUKUYA, Y. J. Avoidance of phrasal verbs: The case of Chinese learners of English. *Language Learning*, 2004, p. 193-226.

LONGMAN DICTIONARY OF CONTEMPORARY ENGLISH. New Edition. Pearson Education Limited: Harlow, 2003.

LOUVAIN CORPUS OF NATIVE ENGLISH (LOCNESS). Disponível em: <<https://www.uclouvain.be/en-cecl-locness.html>> Acesso em: 5 dez. 2015.

MCCARTHY, M.; O'DELL, F. *English phrasal verbs in use.* Cambridge University Press, 2004.

OXFORD PHRASAL VERBS DICTIONARY FOR LEARNERS OF ENGLISH. 1ª Edição. Oxford University Press: Oxford, 2001.

QUIRK, R; GREENBAUM, S; LEECH, G; SVARTVIK, J. *A comprehensive grammar of the English language.* London: Longman, 1985.

RAYSON, P. *Matrix: A statistic method and software tool for linguistic analysis through corpus comparison.* 2002. 207 f. Thesis (Ph.D. in Computer Science). Computer Department, Lancaster University, Lancaster, 2002. Disponível em: <<https://goo.gl/KhDr91>>. Acesso em: 8 ago. 2016.

WAIBEL, B. *Phrasal verbs in learner English: A corpus-based study of German and Italian students.* 2007. 212 f. Dissertation (Doktorwürde der Philologischen) - Fakultät der Albert-Ludwigs, Universität Freiburg, Alemanha, 2007. Disponível em: <<http://www.freidok.uni-freiburg.de/volltexte/3592/>>. Acesso em: 21 dez. 2015.

Recebido em 31 de agosto de 2017.
Aprovado em 09 de novembro de 2017.